

Etnografia on e of-line – comparativo entre a proposição da pesquisa digital com teorias clássicas

Online and offline ethnography - comparative between the proposition of digital research and classical theories

Rondon Marques Rosa, Monica Machado Cardoso

Resumo

As interações para a descrição de comportamento sociais são similares e díspares nos procedimentos etnográficos em práticas presenciais das que se dão em ambiente virtual. Buscando as aproximações das duas formas desse procedimento antropológico, comparamos a descrição da pesquisa de Hine (2015) com relatos de trabalhos de campo do último século em cinco frentes distintas: a) definições do campo; b) autoetnografia e etnografia; c) tensionamentos no trabalho de campo; d) relações de poder na etnografia e e) afecções do tempo. A pesquisa digital é confrontada com trabalhos desenvolvidos por Gupta e Ferguson (1997), Certeau (1982), Peirano (2014), Ingold (2011), Hurston (2008), Rabinow (1977), Foote Whyte (2005), Moreno (2017); Asad (2017), Clifford (2002); Cunha (2004), e Leach (1961).

Palavras-Chave: *Etnografia, Pesquisa Digital, Ambiente Virtual.*

Abstract

The interactions for the description of social behavior are similar and disparate in ethnographic procedures in face-to-face practices of those that take place in a virtual environment. Seeking the approximations of the two forms of this anthropological procedure, we compared the description of Hine's research (2015) with reports of fieldwork from the last century in five different lines: a) definitions of the field; b) autoethnography and ethnography; c) tensioning in the field work; d) power relations in ethnography and e) time disorders. The digital research is confronted with works developed by Gupta and Ferguson (1997), Certeau (1982), Peirano (2014), Ingold (2011), Hurston (2008), Rabinow (1977), Foote Whyte (2005), Moreno (2017); Asad (2017), Clifford (2002); Cunha (2004), and Leach (1961).

Keywords: *Ethnography, Digital Research, Virtual Environment.*

1. Introdução

A participação do etnógrafo no ambiente da pesquisa é característica elementar da atuação do antropólogo nesse campo da pesquisa científica. A observação de detalhes das atividades, a comparação com os relatos retrospectivos dos participantes, o aprendizado de práticas dos participantes e sua compreensão no âmbito emocional são alguns dos aspectos que se tornam mais efetivos com a proximidade entre quem se dispõe a averiguar uma determinada situação e seus interlocutores. A imersão o conecta diretamente com os participantes e, quando ocorre de forma prolongada, pode envolver o etnógrafo em papéis adversos, assumindo responsabilidades com o grupo, além da exposição aos erros. Se por um lado, o convívio reiterado possibilita a adequação ao ambiente, por outro, dá condições para uma melhor avaliação das observações ainda em campo.

No entanto, que considerações podemos fazer quando o ambiente a ser pesquisado não é delimitado geograficamente? O que fazer para se apropriar das técnicas etnográfica para o escrutínio das relações sociais no ambiente digital? O desenvolvimento tecnológico das últimas décadas tem alterado as formas de relação, intensificando as redes sociais e, por consequência, tem estabelecido novas formas de relações entre as pessoas. As normas e condutas de grupos observadas pela etnografia nos eventos, rituais e outros momentos de troca entre os povos ou membros de uma comunidade, podem envolver simultaneamente pessoas em outros territórios e, até mesmo, de países diferentes. Sendo esse campo um ambiente virtual, podemos perceber a sua configuração com características semelhantes às definidas nos estudos realizados em grupos sociais específicos, localizados territorialmente?

Pesquisadores contemporâneos estabelecem um paralelo nos procedimentos da Antropologia e os efeitos percebidos na sociedade, quando comparam as análises e trocas presenciais com as realizadas no ambiente virtual. Mesmo os processos de imersão sendo vistos como semelhantes na internet e em outros cenários, são demandadas estratégias específicas e, para isso, é necessário fazer constantes revisões. A determinação do escopo de observação, os efeitos do envolvimento, as regras de relacionamento, as hierarquias e o tempo são alguns dos pontos que nos propomos averiguar no comparativo entre uma etnografia realizada no ambiente digital e as ponderações relacionadas com pesquisas tradicionais da antropologia.

Ao entender que a vida vivida é cada vez mais mediada pela tecnologia, Christine Hine (2015) propõe uma etnografia a partir de um grupo de compras de bens usados no Reino Unido,

conhecido como Freecycle. Com base na experiência ela elabora uma tríplice caracterização para a internet como um campo imerso, corporificado e cotidiano¹. A primeira questão relaciona-se com a presença da estrutura digital como mediadora em diversos planos de contato das pessoas, senão em sua maioria. Dessa forma a sociedade é vista como envolta por essa estrutura em diálogo constante com o meio físico. Como consequência dessa submersão dúbia, o comportamento do sujeito *on* e *off-line* passa a ser condicionado por essas relações em um processo de construção de identidades. A estrutura de relação social estabelecida nesse campo pode ser assim verificada nas atividades regulares, já que a atuação está presente no cotidiano dos indivíduos.

Referenciados nesse entendimento iremos analisar as bases da execução dessa etnografia em ambiente digital em contraposição com trabalhos teóricos tradicionais e executados em campos estritamente físicos. O recorte se dará em cinco frentes distintas, quais sejam: a) as definições do campo de estudo; b) a autoetnografia e a etnografia; c) os tensionamentos no trabalho de campo; d) as relações de poder na etnografia; e e) as afecções do tempo. Os contrapontos teóricos usarão a experiência de Hine (2015) como fundamento no paralelo com as proposições de Talal Asad (2017), Michel de Certeau (1982), James Clifford (2002), Olívia Maria Gomes da Cunha (2004), Akhil Gupta e James Ferguson (1997), Zora Neale Hurston (2008), Tim Ingold (2011), Edmund Leach (2014), Daniel Miller (2014, 2016a, 2016b), Eva Moreno (2017), Laura Nader (2011), Mariza Peirano (2014), Paul Rabinow (1977) e William Foote White (2005).

Esse artigo inicia-se com a contextualização da Etnografia em sua visão tradicional e a situando dentro do campo da Antropologia. Ainda nesse contexto é estabelecido o paralelo conceitual na vertente digital. Na sequência, serão feitos os comparativos teóricos pontuais nas cinco vertentes já descrita e apresentadas as considerações finais.

2. A Etnografia na Antropologia e as relações no físico e no digital

O feromônio guia as formigas na busca de alimentos e no retorno ao formigueiro. Em seu percurso, uma criança assiste atenta o movimento dos insetos na tentativa de entender o que está acontecendo com os insetos, para onde vão, como se comunicam e uma infinidade de outras

¹ Embedded, Embodied, Everyday (tradução nossa).

questões adversas. A tentativa de entender o mundo a sua volta é percebida desde a nossa primeira infância e aguça-se ao longo da vida. Da mesma forma, desde a pré-história a humanidade tem o interesse em decodificar o comportamento de seus pares e de tudo que interfere em sua rotina. No entanto, essa mera curiosidade não pode ser entendida como um estudo e sistematização das formas como se processa a vida de cada um e do grupo. A compreensão comparativa e crítica do ser humano e de onde habitamos é o escopo da Antropologia, efetivada com a descrição etnográfica.

Pesquisar algo ou realizar um estudo com algum grupo pode ser considerada a diferenciação entre essas duas áreas complementares. Ingold (2011) sugere que a abrangência da Antropologia vai além da Etnografia, já que a primeira busca generalizações e a outra as particularidades, mesmo que elas sejam próximas. A forma como a vida se estabelece nas relações é inseparável do ambiente no qual elas se dão e os objetivos desses estudos são promover uma correspondência e não uma mera descrição.

A etnografia é, portanto, especificamente um modo de investigação ideográfica, diferente da história e da arqueologia, na medida em que se baseia na observação direta de pessoas vivas, e não em registros escritos ou restos materiais que atestam as atividades de pessoas no passado (INGOLD, 2011, p. 229)².

Assim, podemos entender a Etnografia como uma prática de análise da Antropologia, organizando uma teoria da vida vivida a partir de um campo estudado. Ampliando a perspectiva de Ingold (2011), mesmo que essa produção do conhecimento não esteja relacionada diretamente ao fluxo de convívio das pessoas, como é proposto por Cunha (2004) que mostra a possibilidade de um arquivo ser configurado como um interlocutor etnográfico, já que os mesmos, “abrigam marcas e inscrições a partir das quais devem ser eles próprios interpretados. Sinalizam, portanto, temporalidades múltiplas inscritas em eventos e estruturas sociais transformados em narrativas subsumidas à cronologia da história” (2004, p. 292). Além da descrição do momento relatado em suas páginas, apresentam uma marca do tempo no qual foram produzidos.

² “*Ethnography, then, is specifically a mode of idiographic inquiry, differing from history and archaeology in that it is based on the direct observation of living people rather than on written records or material remains attesting to the activities of people in the past*” (tradução nossa).

Assim como os documentos, os estudos também refletem marcas temporais, como a interferência da mentalidade colonial na realização do campo ou, até mesmo, na contraposição dessa vertente. Nader (2011) alerta sobre o legado da relação estabelecida com a visão imperialista e o risco dos reducionismos no viés antagônico do pós-colonialismo. A tradição inicial na prática anglo-americana era de promover uma desfamiliarização dos ditos “povos primitivos” durante a prática da observação participante em sociedade não-ocidentais, já que “desde os primórdios da antropologia houve controvérsias, uma romantização simultânea de ‘estar lá’ entre isolados, pessoas exóticas, e dúvidas quanto às limitações da metodologia”³ (p. 212). Ao mesmo tempo, a objetividade plena é vista como impossível já que os aspectos relacionais interferem em todo o contato, de ambas as partes. A proposição de intermeio é a de relativizar o legado colonial sem perder de vista as interferências.

O imbricamento dos novos formatos de relações estabelecidas com o desenvolvimento tecnológico na vida é um dos argumentos de Daniel Miller (2016a, 2016b, 2014) ao propor uma Antropologia Digital. À indissociabilidade entre a rotina presencial e à intermediação tecnológica somam-se nos apontamentos, carregados de preconceito, existentes em relação a esse tipo de estudo e da definição do conteúdo postado como a base da análise etnográfica. Aponta que a suposição de que a humanidade tem se tornado mais individualista e autônoma não é correta, já que as mídias têm levado à uma maior necessidade de relação no grupo e maior dependência em relação ao outro. “De certa forma, a mídia social nos leva de volta a formas mais antigas, nas quais nossa propriedade como sites de redes sociais pessoais muda do fundo para o primeiro plano de nossas vidas”⁴ (MILLER, 2016, p. 04).

A mesma linha é defendida por Christine Hine ao promover o estudo etnográfico em torno da lista de compras Freecycle. Ao entender a internet como imersa, corporificada e cotidiana, mostra que o escrutínio do *modus vivendi* no meio digital possibilita generalizações e a detecção de particularidades, características tradicionais da Antropologia e da Etnografia. Da mesma forma, a produção e troca de conteúdo é vista como uma estrutura documental passível de mapeamento e delimitação, além de relatar e apresentar marcas do tempo no qual é produzida, dada a sua característica de interrelação com a vida vivida na contemporaneidade.

³ “from the beginnings of anthropology there was controversy, a simultaneous romanticizing of —being there among isolated, exotic people, and doubts concerning limitations of a methodology” (tradução nossa).

⁴ “In some ways social media returns us to older ways, in which our property as personal social networking sites shifts from the background back to the foreground of our lives” (tradução nossa).

O desafio metodológico é capturar e fazer visíveis aspectos da Internet que se tornaram pouco notáveis, para examinar a especificidade das circunstâncias em que a Internet volta ao primeiro plano cultural, muitas vezes como um fenômeno notável para a atenção política ou da mídia⁵ (HINE, 2015, p. 14)

A percepção desses indícios é a base da análise sociológica e antropológica que é buscada, só que nesse caso referenciada na rotina de relações que têm a internet como intermediadora. Entre os pontos a serem entendidos estão as formas de significação dentro e ao redor da Internet; a aplicação de um repertório padrão de participação e outros meios de mapeamento; o insight reflexivo e autoetnográfico; e os princípios etnográficos da internet imersa, corporificada e cotidiana, que passaremos a analisar a seguir. Na organização desse paralelo dos procedimentos, faremos o cruzamento em cinco frentes distintas de avaliação nos capítulos que se seguem: a) Definições de campo de estudo; b) A autobiografia e a etnografia; c) Tensionamentos no trabalho de campo; d) Relações de poder na etnografia; e e) Afecções do tempo.

3. Definições de campo de estudo

Dos estudos naturalistas de observação da fauna e outros aspectos da natureza, às implicações tecnológicas no cotidiano social contemporâneo existe uma distância secular divide sujeitos que teriam dificuldade de se reconhecerem como semelhantes seus hábitos, valores e condutas. No entanto, quando o olhar volta ao estudo desses procedimentos regulares percebidos em grupamentos, será que é possível traçar paralelos conceituais? Neste capítulo vamos verificar a noção de campo estabelecida por Christine Hine (2015) ao analisar um grupo de compras virtual em contraposição com as definições de campos presenciais nos estudos de Certeau (1982), Gupta e Ferguson (1997), Ingold (2011) e Peirano (2014).

A provocação inicial está na genealogia traçada por Gupta e Ferguson de como a noção de campo foi inserida constituindo a “antropologia como uma área do conhecimento que depende do trabalho de campo como modo distinto de reunir informações”⁶ (1997, p. 06). No

⁵ “The resulting methodological challenge is to capture and make visible such aspects of the Internet as have become unremarkable, and to examine the specificity of circumstances in which the Internet comes back into the cultural foreground, often as a notable phenomenon for political or media attention” (tradução nossa).

⁶ “anthropology as a field of knowledge that depends on fieldwork as the distinctive mode of gathering knowledge” (tradução nossa).

entanto, mostram que a delimitação de espaço vista como uma busca de recriação do ambiente natural deixou de ser a centralidade, no gênero naturalista da etnografia, e passou a ter o que Michel de Certeau (1982) elabora como uma prática espacial que deve ser mapeada discursivamente e vivenciada corporalmente, sendo que “não mais se encontra a dicotomia que opõe o natural ao social, mas a conexão entre uma socialização da natureza e uma ‘naturalização’ (ou materialização) das relações sociais” (1982, p. 71).

Christine Hine descreve passos na adaptação da etnografia aos tempos atuais, principalmente no meio digital, na busca de "descrições densas". O método estuda a centralidade do significado e ajuda na compreensão do cenário e como as pessoas dão sentido às suas vidas. Na investigação propõe verificar as mudanças sociais, o nivelamento do campo de ação, a aceitação de normas, os laços comunitários e o valor identitário. A visão holística desse processo impede simplificações e fortalece posturas críticas. Nesse sentido, a atuação do etnógrafo, antes consolidada no contato presencial no campo, precisa ser repensada quando os processos avaliados são os mediados por meios digitais, sem perder a profundidade da análise. Isso é possível porque as práticas das pessoas estão carregadas dessa relação mediada, o que demanda do etnógrafo fazer parte dessa mesma forma de relacionamento. Mesmo entendendo que "seja o que for que as pessoas façam, um etnógrafo geralmente gostaria de observá-las e, sempre que possível, fazê-lo com elas" (2015, p. 04), é necessário entender que a comunicação mediada não tem como ser decodificada e processada integralmente pelo pesquisador, tendo limites à percepção, o que pode ocasionar perdas a respeito do objeto de estudo quanto à sua localização geográfica, por exemplo. A solução proposta conta com arranjos criativos na adaptação do método etnográfico, mas não pode perder o compromisso com os fundamentos da etnografia na produção do conhecimento. Não sendo possível uma etnografia da internet como um todo, o foco é dado em uma análise nesse meio de mediação digital e que pode também estabelecer outras conexões de referência que se expressam pessoalmente.

Se entendemos o campo como o local no qual o etnógrafo deve mergulhar e compreender a natureza das atividades, ver a internet como imersa, corporificada e cotidiana interfere na noção de lugar e de onde encontrar as atividades apropriadas. O uso da expressão "campo" no singular não se relaciona obrigatoriamente a um espaço geográfico ou unidade cultural delimitada. A descoberta do sentido das práticas demanda o contato com novos locais e conexões.

A etnografia é um método exploratório e adaptativo que se propõe a descobrir como as coisas fazem sentido, e porque as próprias fronteiras podem não objetivamente preexistem as circunstâncias particulares nas quais são referenciadas, geralmente não é possível especificar com antecedência exatamente quais serão os limites do estudo⁷ (HINE, 2015, p. 59)

O campo é visto como uma construção, o que põe em questão o caráter agente da etnografia, já que ele não se consolida exatamente onde ocorre a vivência pessoal, podendo se processar, inclusive, nas proximidades do próprio etnógrafo, envolvendo simultaneamente a pessoa e o profissional. O foco pode ser dado em um grupo por suas relações, antes de verificada a localização espacial ou segmentação. Com o entendimento da definição do campo como uma construção, abriu-se a possibilidade de um escopo multi-localizado mostrando a potência dos etnógrafos se movimentarem em um conceito de não-espacial ou transgeográfico. Talvez o que mais interesse na vida contemporânea seja a conexão e mobilidade, em detrimento à localização estática. A possibilidade de campos multi-situados em análise na Antropologia já encontra uma ressonância na Sociologia com as noções de deslocamento e da impossibilidade do congelamento do objeto em um único local. Tirando o foco da espacialidade, é possível identificar o movimento e a imobilidade do objeto na sociedade, suas infraestruturas, o reforço e o entrelaçamento nas estruturas de produção de significado. A mobilidade pode ser tanto uma experiência sensorial quanto um efeito prático, usando dispositivos estratégicos.

Em um viés análogo, Nader questiona o modelo canônico e a objetividade como referenciais, mesmo que eles continuem sendo buscados. O padrão de procedimentos é percebido até mesmo em antropólogos ecléticos, no entanto isso não significa que exista um modo único de fazer, porque “as localidades etnográficas estão agora incorporadas em circuitos políticos e econômicos maiores, conectados cada vez mais pela troca global”⁸ (2011, p. 217). Questionando os chamados “novos método etnográficos, Peirano (2014) ressalta a necessidade constante de adaptação demandada aos pesquisadores em todos os tempos, sendo que “a própria teoria se aprimora pelo constante confronto com dados novos, com as novas experiências de campo, resultando em uma invariável bricolagem intelectual (p. 381). Referendando o mesmo caminho, Gupta e Fergusom (1997) utilizam os exemplos de Karen McCarthy Brown e de

⁷ “ethnography is an exploratory and adaptive method that sets out to find out how things make sense, and because boundaries themselves may not objectively pre-exist the particular circumstances in which they are referenced, it is generally not thought possible to specify in advance exactly what the boundaries of the study will be” (tradução nossa).

⁸ “Ethnographic localities are now embedded in larger political and economic circuits, connected increasingly by global exchange” (tradução nossa).

David Edwards para mostrar que o trabalho etnográfico pode prescindir de estar em mais de uma localidade, podendo ter benefícios trazidos pelo estranhamento de quem está reiteradamente dentro e fora do campo. Essas discussões fazem parte dos desafios das pesquisas contemporâneas, o que difere da definição de uma "faixa histórica de uma localização específica, fronteira e modo de viajar" (CLIFFORD apud GUPTA E FERGUSOM, 1997, p. 190). O campo de estudo tem tomado assim diversas configurações, podendo envolver desde práticas nacionais de atuação até a investigação sobre grupos fluidos de trabalhadores que não se situam em uma só localidade.

Processos ativos de disciplinamento operam em vários níveis, definindo domínios "quentes" e "frios" da cultura disciplinar, certas áreas que mudam rapidamente e outras que são relativamente invariantes. Articulam, em formas de mudança tática, o núcleo sólido e o limite negociável de um domínio reconhecível de conhecimento e prática de pesquisa. A institucionalização canaliza e retarda, mas não pode parar, estes processos de redefinição (Gupta e Fergusom, 1997, p. 191).

Um exemplo é o da antropologia sociocultural que se manteve fluida e relativamente aberta, o que também pode ocasionar problemas para sua definição e fez com que sua abrangência se tornasse ampla e interdisciplinar. Por isso, se concentrou nas práticas de pesquisa quem interferem nas noções de profundidade e intensidade para o trabalho de campo.

Para o olhar do artista, a paisagem apresenta-se não como uma multiplicidade de particularidades, mas como um campo fenomenal variado, ao mesmo tempo contínuo e coerente. Dentro deste campo, a singularidade de todo fenômeno está em sua envolvente - em seu posicionamento e porte, e na postura de um movimento momentaneamente preso - das histórias emaranhadas de relações pelas quais ele chegou lá, naquela posição e naquele momento (INGOLD, 2011, p. 232).

Essa configuração complexa coloca ao etnógrafo o desafio de ponderar sobre os hábitos e significados culturais individuais e em grupo, inclusive os próprios. "A Internet é multiespacial, nas várias novas formas de espaço que surgem on-line, nas conexões que ela possibilita nos espaços geográficos e nas formas de mobilidade com as quais seus usuários se envolvem quando a encontram em vários dispositivos" (HINE, 2015, p. 13). Essa posição pessoal do pesquisador frente ao seu campo configurando inclusive como uma autoetnografia é o foco da seção que se segue.

4. A autoetnografia e a etnografia

As estratégias da etnografia para a internet imersa, corporificada e cotidiana proposta por Hine (2015) podem beneficiar a geração do conhecimento etnográfico em diversos âmbitos. Entre os pontos a serem entendidos estão as formas de significação dentro e ao redor da Internet; a aplicação de um repertório padrão de participação e outros meios de mapeamento; o insight reflexivo e autoral; e os princípios etnográficos. As estratégias de produção e registro de dados podem ser variadas na Etnografia, porém a imersão é indispensável e evita que as conclusões sigam parâmetros pré-concebidos. A subjetividade do etnógrafo contribui no processo de estabelecimento de relações e pode colaborar na construção do objeto analisado. Por isso, a dimensão reflexiva é importante na etnografia para a internet, devido as escolhas sobre o percurso e as conexões definidos. A atenção reflexiva sobre as escolhas do etnógrafo deve considerar a natureza das condições do relato e explorando outras possibilidades. Deixar o campo falar não significa desconsiderar o que o etnógrafo traz consigo e sua subjetividade. A dimensão reflexiva não pode ser mensurada completamente, mas contribui para a formação do relato fornecendo direcionamentos e contradições que contribuem com as condições da pesquisa, inclusive as condições de conhecimento e incerteza do campo. Nem sempre as pessoas têm certeza dos fatos de sua própria vida e não possuem a capacidade de resgate pleno da memória, isso deve ser levado em consideração pelo etnógrafo, assim como outras frustrações na hora de entender o objeto.

A identificação da experiência do etnógrafo no campo sugere que essa experiência é única para ele, já que descreve uma realidade pré-existente com a identificação de linhas e padrões comuns, discursos dominantes e estruturas emergentes que são seguidos no padrão de um indivíduo (agenda incorporada). A experiência do mundo midiático contemporâneo é um terreno individualizado com a construção personalizada da realidade em rede e suas fontes de conexão e influência. Ao mapear a experiência de navegação, "uma postura autoetnográfica sobre a etnografia para a internet concentra-se em considerar como as conexões se apresentam e quais escolhas estão disponíveis para construir significado a partir dessas diversas influências"⁹ (HINE, 2015, p. 83). Em sua avaliação o etnógrafo pode atingir seu próprio

⁹ "An autoethnographic stance on ethnography for the Internet focuses on considering how connections present themselves and what choices are available for building meaning out of these diverse influence." (tradução nossa).

pensamento e os discursos disponíveis, enfatizando a experiência encarnada e emocional do envolvimento. As narrativas autoetnográficas são questionadas pelo risco de negligenciar a diversidade da escrita, de adotar uma postura de autoindulgência ou de narcisismo, valorizando mais o autor que as fontes. No entendimento de que toda escrita etnográfica é, até certo ponto, uma perspectiva pessoal é preciso examinar o que é ofertado individualmente.

Para fazer um contraponto às colocações de Christine Hine, trazemos os relatos de Zora Neale Hurston, no livro *Mules and Men*, no qual ela relata diversas experiências pelas quais passou na década de 1920. Em sua pesquisa etnográfica ela foi designada a ir à Nova Orleans, no Estados Unidos, com o objetivo de pesquisar as práticas do Hoodoo. Por ser nativa da localidade, foi indicada como a melhor pessoa para ter acesso às informações que dificilmente eram reveladas a quem não fosse identificado como pertencente àquela comunidade. Entendendo a necessidade do envolvimento com o campo, se dispôs participar de diversos rituais, inclusive alguns de iniciação religiosa, reagindo de acordo com o que preconizava cada um deles. O relato dos momentos pelos quais passou tem o objetivo explícito a descrição daqueles costumes que faziam parte do folclore negro. Mesmo não apresentando juízo de valor em suas considerações, termina seu texto com uma provocação em forma de uma fábula envolvendo sua própria gata:

Uma vez Sis Cat ficou com fome, pegou um rato e se preparou para comer. O rato tentou e tentou se soltar, mas Sis Cat era muito rápida e forte. Então, quando o gato começou a comer, ele disse: "Espere, Sis Cat! Você não tem boas maneiras? Você vai comer sem lavar a cara e as patas?"

Sis Cat estava muito animada, mas ela não gostou que um rato pensasse que ela não tinha boas maneiras, então foi lavar a cara e as patas e, quando voltou, o rato tinha ido embora.

Então, a gata pegou novamente um rato e se preparou para comer. O rato disse: "onde estão suas maneiras, Sis Cat? Você vai comer sem lavar a cara e as patas?"

"Oh, eu tenho boas maneiras", disse a gata. "Mas vou comer o jantar e lavar a cara e usar as boas maneiras depois." Então ela parou e lavou a cara e as patas. Os gatos estão se lavando depois de comer desde então.

Estou sentada aqui como Sis Cat, lavando meu rosto e usando minhas boas maneiras¹⁰ (HURSTON, 2008, p. 245-246)

¹⁰ "Once Sis Cat got hongry and caught herself a rat and set herself down to eat 'im. Rat tried and tried to git loose but Sis Cat was too fast and strong. So jus' as de cat started to eat 'im he says, "Hol' on dere, Sis Cat! Ain't you got no manners atall? You going set up to de table and eat 'thout washing yo' face and hands?" Sis Cat was mighty hongry but she hate for de rat to think she ain't got no manners, so she went to de water and washed her face and hands and when she got back de rat was gone. So de cat caught herself a rat again and set down to eat. So de Rat said, "Where's yo' manners at, Sis Cat? You going to eat 'thout washing yo' face and hands?"

Com esse encerramento do livro é possível entender que, apesar do seu pleno envolvimento com o campo, Hurston procurou manter sua percepção como externa na busca do aprendizado com cada situação. Mesmo assim, o relato expõe uma dubiedade ao ser composto por dois formatos, sendo um em primeira pessoa, quando narra as experiências pessoais vividas, e a complementação com narrativas em terceira pessoa, contendo a descrição de experiências alheias, em especial as que se apresentam mais incrédulas. Ela começou a pesquisa pela própria aldeia, mas teve a consciência de que não chegaria na localidade sendo vista como alguém de grande conhecimento adquirido fora e que chegasse com a postura que poderia transformar aquela realidade. Buscou ser vista apenas como uma nativa e, por isso, conseguiriam ter mais facilidade no acesso aos líderes religiosos e rituais que eram mantidos muitas vezes em sigilo. Além disso, sabia da riqueza do conhecimento contido na localidade e se via como alguém com maior facilidade de obter as informações sem ferir a cultura local. O Hoodoo é uma prática muito seguida naquela região, mas pode estar escondida em outras práticas como nas do Cristianismo, por exemplo. Não parece que a autora se coloque em uma posição de plena objetividade, estando isenta das afecções de seu envolvimento. Pelo contrário, ela permitiu-se vivenciar cada uma das práticas religiosas de forma imersa e buscando a descrição com um olhar interno. O desafio de estudar práticas misteriosas, exigiu a adaptação das estratégias de abordagem e aproximação. Tanto seu conhecimento ancestral e de infância, quanto o conhecimento acadêmico, foram colocados à disposição da observação e, em algum nível, interferiram com as condições de acesso, com as formas de percepção e até com as maneiras de relatar.

Diferente dessa situação, ao refletir sobre seu trabalho de campo em Marrocos, Paul Rabinow (1977) aponta a dificuldade dos pesquisadores em subverterem a dicotomia entre o eu e o outro em um campo distante de suas experiências de vida. A compreensão sobre o próprio etnógrafo é caminho indicado para entender o outro, fazendo apontamentos sobre a interferência das formas de ser do pesquisador na análise do interlocutor e levando em consideração os aspectos culturais e não com base na visão pessoal. A presença dos aspectos emocionais e morais em todos os estudos relacionados aos seres humanos tem uma conexão

*"Oh, Ah got plenty manners," de cat told 'im. "But Ah eats mah dinner and washes mah face and uses mah manners afterwards." So she et right on 'im and washed her face and hands. And cat's been washin' after eatin' ever since.
I'm sitting here like Sis Cat, washing my face and usin' my manners"* (tradução nossa).

com a ideia de self, muito ligada ao ego, e entre o sujeito e a sociedade. Propondo dar destaque a esse aspecto, considera que "os desvios são mais necessários do que nunca, mas nenhum de nós sabe quão distante isso nos levará antes de encontrarmos o caminho" (RABINOW, 1977, p. 10)¹¹.

Ser um *insider* dificulta o posicionamento e o questionamento dos pressupostos, já que trabalhar em território familiar confronta o posicionamento interno com o estranhamento. O status de *insider* pode mudar ao longo do projeto e as atribuições são feitas no contexto. Para isso, a indicação é apostar nos processos e momentos de diferenciação, em detrimento da estranheza ou diferença. "É particularmente útil para trazer à tona o tipo de trabalho emocional que a participação implica, as recompensas emocionais que ela traz e as perspectivas alteradas que ela proporciona"¹² (HINE, 2015, p. 99). Mesmo em condições tão díspares no que tange os modelos de campo escolhidos pelos autores, percebemos uma aproximação nas suas posturas de envolvimento e no reconhecimento das interferências de suas subjetividades. E seja no campo presencial ou no virtual, as relações não se apresentam como lineares e sem sobressaltos. Os tensionamentos e forma de lidar com eles são o tema do próximo segmento.

5. Tensionamentos no trabalho de campo

A capacidade de adaptação da etnografia é apontada como forma de solução, já que esse estudo não está preso ao planejamento prévio, sendo desenvolvido de acordo com a situação em curso. Essa incerteza e ambiguidade são inerentes às condições dos analisados, cabendo ao etnógrafo absorver essas instabilidades. A certeza pode ser vista, inclusive, como distração ou ameaça no processo de avaliação, já que a estabilidade seria no máximo algum *status* temporário. Mesmo participando das formas de comunicação e interação, o etnógrafo ainda possui o desafio de compreender as situações de forma global. E ainda existe a incapacidade de acompanhar um diálogo de dois pontos simultâneos e outras dificuldades inerentes ao formato. "Um etnógrafo em tais circunstâncias deve se acostumar com um sentimento perpétuo de incerteza, de se perguntar o que foi perdido, e tentar construir interpretações de eventos baseados em evidências incompletas" (HINE, 2015, p. 03). O etnógrafo deve ter cuidado nos

¹¹ "The detour seems more necessary than ever, but none of us knows how far it will take us before we find the way" (tradução nossa).

¹² "It is particularly useful in bringing to the fore the kind of emotional work that participation entails, the emotional rewards that it brings, and the altered perspectives that it provides" (tradução nossa).

próprios movimentos para acompanhar e aprender com os participantes, atento às sanções dos deles aos seus limites de aproximação, relação essa que é construída no cotidiano de convívio.

Além das dificuldades que podem surgir na relação do etnógrafo com suas fontes, as divergências entre a própria comunidade podem ser de grande potência para explicitar os formatos de convívio social, sendo fonte alternativa de dados para explorar a criação de significados. No caso da lista Freecycle, os conflitos entre os membros são verificados em outros dois espaços: o Café e o Mumsnet. O Café é um grupo de discussão mais geral disponibilizado, de forma paralela, para os membros do grupo de compras. Já o Mumsnet é um dispositivo a parte que está relacionado com reclamações de forma generalizada na internet sem ter relação específica com o grupo de compras original. Nos assuntos que normalmente não apareceriam na lista de interesse entre os que estão comercializando e os que desejam adquirir algo estão as queixas sobre atraso na coleta dos produtos, sobre o aproveitamento do baixo custo para revender o que fora comprado, sobre cobranças perdidas, sobre solicitações incorretas, sobre a dúvida se o perfil das pessoas era verdadeiro e outras histórias de indignação e frustração.

A situação de conflito também é um fator motivador da pesquisa realizada por William Foote Whyte na periferia de Boston ao final da década de 1930. A busca por uma área que tivesse uma situação complexa deveu-se a necessidade de pesquisar uma realidade diferente da que ele vivia. O relato de campo apresenta os dilemas e as questões relacionadas com o processo de construção de relações. O crime organizado e a política são alguns dos focos em uma imersão considerada longa, pelos reflexos no maior envolvimento e vínculos criados, tendo por consequência o aumento da expectativa de comprometimento e cobrança de contrapartidas. A relação controlada beneficia a capacidade de buscar a objetivação das formas de condutas dos sujeitos em situações de grande interferência dos interesses de grupo, frente aos padrões pessoais, por isso, as

atitudes de um homem não podem ser observadas, mas devem, em vez disso, ser inferidas a partir de seu comportamento. Como as ações estão diretamente sujeitas à observação e podem ser registradas como outros dados científicos, parece válido tentar entender o homem por meio do estudo de suas ações. Essa abordagem não apenas fornece dados sobre a natureza das relações informais de grupos, como também provê um quadro de referência para se compreender o ajustamento do indivíduo à sua sociedade (WHYTE, 2005, p. 272-273)

Os valores desses indivíduos e grupos são determinantes na relação entre os interlocutores e o etnógrafo. No caso relatado por Moreno (2017) o conflito estava no interesse e no uso do conhecimento dos hábitos locais entre a pesquisadora e um dos homens contratados para auxiliar na coleta de dados. Como resultado ela quase foi alijada das entrevistas e dos dados de seu estudo, além de ser colocada em uma situação de estupro pelo contratado. Nesse caso, mesmo não sendo o objetivo da pesquisa, as questões de gênero ganharam centralidade levando à pesquisadora à conclusão de que “os caminhos abertos para antropólogas mulheres variam de um campo para outro, assim como variam os contextos dos antropólogos e o ajuste entre eles no campo” (MORENO, 2017, p. 264). O temor do risco de agressão no contato pessoal de uma pessoa desconhecida da lista de compras na internet é um dos pontos indicados por Hine (2015), já que a marcação para a coleta do produto era feita diretamente em sua casa, convidando uma pessoa que nunca vira anteriormente. Para ela, a natureza das conexões difere em cada situação e permite definir os movimentos, fáceis ou difíceis, ao constituir o campo na busca da forma, significado e movimentos com ou contra a cultura.

O etnógrafo deve refletir sobre as condições e os atores envolvidos nas conexões, assumindo o controle dos movimentos e explorando as conexões que respondem às questões. Mesmo incertas, as condições podem beneficiar o etnógrafo possibilitando o acompanhamento do que espelha os hábitos dos participantes. Paralela à essas questões de conflito, e até como causadora de parte deles, estão as formas como se estabelecem às relações de poder entre as partes envolvidas. Esse é o tema do que iremos abordar a seguir.

6. Relações de poder na etnografia

Mesmo presente em grande parte do mundo o acesso à internet revela disparidades, seja na sua relação com as condições econômicas e sociais, ou seja, no controle e definições políticas. Christine Hine (2015) considera que essa variedade deve ser considerada pelo etnógrafo. Assim como o nível de acesso não é igual, as expectativas também não. E a relação com a internet tende a mudar ainda mais nas próximas gerações, com o aumento na troca de conteúdo pelas redes sociais. Contudo, tanto a primeira geração, mais ligada aos locais e dispositivos únicos, quanto a próxima geração tendem a ter semelhanças já que veem a Internet como primeiro ponto de vista. Além da diferenciação de acesso nas localidades, mesmo se situarmos a análise em um determinado local com amplo acesso à internet vamos perceber

diferenciações nos perfis de usuários, formas de acesso, interesses e expectativas de resultado. Mesmo acreditando em uma massificação dos conteúdos digitais, acredita em uma fragmentação dos tipos de experiência, o que aponta para a necessidade de maior acuro ao definir o escopo de estudo. "Nenhuma solução única para fazer a etnografia para a Internet será encontrada, porque a internet pode variar muito drasticamente"¹³ (HINE, 2015, p. 8)

Ao mostrar que a internet tem se consolidado como um meio de massa desde o início do século XXI, mostra que esse meio atingiu no Reino Unido 78% da população com mais de 14 anos em 2013. Contudo, representa em seu acesso desigualdades relacionadas a idade, educação e renda. Mesmo sendo de massa, a internet não está disponível universalmente, e ainda existem as heterogeneidades subjacentes. Os dados da International Telecommunications Union (2012) mostram disparidades no acesso à internet com proporcionalidade semelhante ao patamar de desenvolvimento dos países. A média global era de 32,5%, com 70,2% nos países desenvolvidos e 24,4% nos em desenvolvimento. Enquanto na Escandinávia mais de 90% da população tinha acesso, em países da África e da Ásia o índice era de menos de 20%. Nem 2% dos moradores da Somália, Etiópia, Serra Leoa e Guiné estavam conectados digitalmente. Os maiores indicadores de acesso estavam localizados na América do Norte, Europa e Austrália, e os menores na África e Ásia.

A assimetria percebida nas pesquisas por replicação de poder colonial no início do século passado está no viés de pensamento de Talal Asad (2017) ao discutir as relações no campo antropológico. Em uma dialética do poder, o observador é visto como dominador e o observado como subordinado. A hierarquização do acesso ao conhecimento é vista como responsável pelo desnivelamento para as relações o que ocasionaria reflexos no resultado da pesquisa de campo. Corroborando com esse pensamento e no entendimento que as mudanças sociais têm tornado ainda mais difícil fazer uma delimitação das formas de diversidade humana como culturas independentes, James Clifford esclarece que

é mais do que nunca crucial para os diferentes povos formar imagens complexas e concretas uns dos outros, assim como das relações de poder e de conhecimento que os conectam; mas nenhum método científico soberano ou instância ética pode garantir a verdade de tais imagens. Elas são elaboradas – a crítica dos modos de representação colonial pelo menos demonstrou bem isso – a partir de relações históricas específicas de dominação e diálogo (CLIFFORD, 2002, p. 19).

¹³ "No single solution to doing ethnography for the Internet will be found, because what the Internet is can vary so dramatically" (tradução nossa).

A esse cenário aponta o tratamento da etnografia ao uso de ferramentas que possibilitam lidar com as situações de acordo com o que é apresentado na construção de um mundo de significados com base nos sentimentos, na percepção e nas inferências. Essa luta pelos limites de possibilidades é assumida por Hine, na compreensão que a experimentação indiscriminada, inclusive por usuários comuns, pode modificar relação de poder/saber com a criação de novas referências do conhecimento, deslocando o foco de estruturas tradicionais. As formas de uso absorvidas por cada um têm relação direta com os usos feitos pelas pessoas com as quais temos contato e acabam por estabelecer em cada uma as formas de conduta do que se espera como comportamento adequado. “A Internet, portanto, existe tanto quanto um objeto cultural quanto uma maneira prática de fazer as coisas que queremos fazer”¹⁴ (HINE, 2015, p. 12).

Um fator determinante de todos os pontos antecedentes é a relação estabelecida entre as pesquisas e o tempo, aspecto que pode ter diferentes formas de efetivação e leitura. Essa é a diretriz que será abordada na sequência.

7. Afecções do tempo

A impossibilidade de acompanhar todos os fatos já estava presente na etnografia convencional assim como na realizada com informações circulantes no meio digital, o que mostra que essa preocupação antecede os processos mediados. No entanto, a migração excessiva para relações por meios digitais preocupa Christine Hine (2015) pelas limitações da percepção e pela possibilidade de prejudicar a produção de conclusões robustas. A participação do etnógrafo no ambiente da pesquisa caracteriza o método, porque possibilita a observação de detalhes das atividades que podem diferir de relatos retrospectivos, já que aprender práticas dos participantes oferece a compreensão emocional e incorporada. A imersão conecta diretamente com os interlocutores, o que, de forma prolongada, carrega o etnógrafo de responsabilidades, expõe erros e possibilita a sua adequação ao ambiente. A Internet e, em especial, as mídias sociais, possibilitam a co-presença, estendendo o campo no tempo e no espaço, além do *on* ou *off-line*. As tecnologias devem ser usadas na produção da presença do etnógrafo, o que o

¹⁴ “*The Internet thus exists as much as a cultural object as it is a practical way of doing things we want to do*” (tradução nossa).

possibilita aprender fazendo, em especial quando tendo contato pela primeira vez ou quando recebe treinamento para isso.

A convivência prolongada dá condições para uma melhor avaliação das observações ainda em campo, sendo que antes e durante o etnógrafo deve registrar as impressões e desenvolver ideias. As anotações mantêm o acompanhamento do que acontece e dos sentimentos, captando pensamentos provisórios, observação e preocupações. O diário e os registros podem refletir sobre significados e estimular interpretações ativas, frente a uma forma passiva de presença. A descrição etnográfica busca interpretar o social de uma forma que a gravação direta não pode. As anotações de campo são o ponto de partida da interpretação do etnógrafo, não sendo um mero registro e sim descrição de aspectos da experiência para uma análise mais densa e aprofundada. O arquivamento dos dados dos grupos de discussão pode ser fonte para o etnógrafo promover uma análise sistemática dos temas significativos.

A esse aspecto dos conteúdos arquivados, Cunha (2004) defende o pensamento de que os arquivos devem ser vistos como produtores de conhecimento, sendo eles os interlocutores com os pesquisadores, ampliando possibilidades e as tornando mutáveis. Além da descrição do momento relatado, apresentam uma marca do tempo de sua produção. A divisão dos capítulos tenta resgatar as lógicas contidas no escrutínio dos objetivos, destinatários e outras organizações internas. “Tais tentativas de inscrever evento e estrutura na topografia dos arquivos implicam procedimentos constantes de transformação” (CUNHA, 2004, p. 292).

Edmund Leach (1961) promove uma discussão filosófica desse aspecto mostrando múltiplas categorias e entendimentos do tempo. De uma forma sintética, indica duas diretrizes de percepção desse aspecto de acordo com a lógica de seu funcionamento em relação à vida: a repetição e a ruptura. Os aspectos de repetição são vistos como ritualísticos, relacionado aos ritos de passagem. Já as rupturas, são o reconhecimento da finitude, conceitualmente muito associados aos limites da vida e das ações.

Tratamos a ambos como aspectos de “uma coisa”, o tempo, não porque seja racional fazê-lo, mas devido ao preconceito religioso. A ideia do Tempo, tal como a ideia de Deus, é uma dessas categorias que julgamos necessárias porque somos animais sociais, mais devido a qualquer coisa empírica da nossa experiência objetiva do mundo (LEACH, 1961, p. 194)

O Entendimento temporal superando a mera descrição lexical da frase, tendo correlação mais ampla baseada nas intenções e funções do discurso, também é a visão de Johannes Fabian, ao questionar como a temporalização vai criar uma imagem do outro. Mais que o efeito de verdade, ele causa a imutabilidade do outro. A manifestação na terceira pessoa elimina a dialogia, o que rompe com a relação ocorrida no campo. O “eu” está separado do “você”, o que é um efeito de objetividade para o distanciamento promovendo o apagamento do “estar lá”. Descrever na atualidade sobre um indivíduo é colocá-lo como imutável, estático, sem levar em consideração as suas adaptações e desenvolvimento. Com isso ocorre o efeito de coetaneidade no qual, apesar do antropólogo e os sujeitos analisados serem contemporâneos, o tempo da escrita faz com que não pareçam ser da mesma época.

De qualquer forma, seja na mídia social, ou no registro automático, a atividade de captação das informações exige interpretação, inclusive temporal. A descrição que pode parecer fiel, só retrata o fluxo da atividade mediada, sendo difícil reconstruir outras não mediadas pela tecnologia, ocorridas paralelamente. O etnógrafo pode ser induzido a adiar a análise, o que faz com que o registro desvie o etnógrafo do cenário, contramão do esforço do meio e uma interferência adicional do tempo.

8. Considerações finais

Nesse artigo pudemos nos debruçar sob alguns aspectos que envolvem a produção etnográfica e promover o cruzamento entre práticas estruturadas em interlocuções digitais fazendo seu contraponto com ponderações baseadas em campos físicos. Mesmo com variações conceituais e procedimentais o que fora percebido é um alinhamento da volatilidade dos procedimentos de análise, de categorização e de descrição. O aguçamento da percepção antropológica é parte determinante desde o recorte a ser analisado até à descrição das ponderações elencadas. Do “eu” que escolhe ao “eu” que relata temos mais que uma autoetnografia, passando também por delimitações do que possa ser considerado campo, dos riscos e tensionamentos, das diferenças hierarquizantes e das afetações temporais.

O campo limpo e delimitado é de certa forma o entendimento de todos, sendo que a pureza e limites são, de alguma forma, aspectos subjetivos. A tentativa de vislumbrar o objeto de estudo como algo a ser entendido, percebido, sentido e vivenciado, traz em si algo de liberação dos aspectos prévios, mesmo que isso não seja possível integralmente. Da mesma

forma, diversas são as questões que condicionam a necessidade de estabelecimento de fronteiras da pesquisa, mesmo que elas não tenham recortes geográficos. O campo pode ser visto dessa forma mais pela objetividade do olhar do etnógrafo que pelas características percebidas realmente por seus interlocutores. Essa confirmação da interferência da subjetividade do sujeito não tira o valor das ponderações e percepções a respeito do campo. Em alguns casos os aspectos pessoais são preponderantes para a possibilidade de acesso e capacidade de entendimento das relações sociais. A disposição em fazer parte das práticas observadas é vista como método de absorção de conteúdos e possibilidade de mudança da perspectiva do olhar entre o *insider* e o *outsider*, ou no *on* e *off-line*.

Ao dimensionar a pesquisa e ao avaliar os dados captados também é preciso ter atenção aos aspectos relacionais entre as partes envolvidas. O desconhecimento da cultura ou práticas regulares do meio podem causar conflitos que tanto podem desestruturar a atividade de pesquisa, quanto revelar aspectos cruciais do grupo. Da mesma forma, essas relações de poder precisam ser entendidas e explicitadas para facilitar as ponderações que delas possam decorrer. Interferências que podem ocorrer até mesmo pela definição do momento a se fazer o registro do relato. O congelamento do indivíduo no tempo pode diminuir ou estereotipar seus aspectos, o colocando como ser exótico em relação a realidade contemporânea.

Referências

- ASAD, Talal. Introdução a *Anthropology & the Colonial Encounter*. **Ilha**, v 19, n 2, 2017, p. 314-327.
- CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.
- CLIFFORD, James. “Sobre a autoridade etnográfica”. In: CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002, p. 17-62.
- CUNHA, Olívia Maria Gomes da. **Tempo imperfeito: uma etnografia do arquivo**. *Mana* [online]. 2004, vol.10, n.2, pp.287-322.
- GUPTA, Akhil, FERGUSON, James. “Discipline and Practice: “The Field” as Site, Method and Location in Anthropology. In: GUPTA, Akhil, FERGUSON, James. **Anthropological Locations: Boundaries and Grounds of a Field Science**. Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press, 1997, p. 1-46.
- HINE, Christine. *Ethnography for the internet*. Embedded, embodied and everyday. London: Bloomsbury Academic, 2015.
- HURSTON, Zora Neale. **Mules and Men**. New York: Harper Collins Publishers, 2008 (“Introduction”, “Part II: Hoodoo”).
- INGOLD, Tim. Anthropology is not ethnography. In: INGOLD, Tim. **Being Alive: Essays on Movement, Knowledge and Description**. London and New York: Routledge, 2011, p. 229-243
- LEACH, Edmund. “Two essays concerning the symbolic representation of time”. In: LEACH, Edmund. **Rethinking Anthropology**. London: The Athlone Press, 1961, p. 124-136.
- MILLER, Daniel; SINANAN, Jolynna. *Webcam*. London: Polity Press, 2014.
- MILLER et al. *How the world changed social media*. London: UCLPress, 2016a.
- MILLER, Daniel. *Social Media in an English Village*. London, UCL Press, 2016b.
- MORENO, Eva. Estupro em campo: reflexões de uma sobrevivente. **Cadernos de campo**, vol. 26, n.1, 2017, p.235-265.
- NADER, Laura. Ethnography as theory. **Hau: Journal of Ethnographic Theory** 1(1): 211-219, 2011.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos** 20 (42): 377-391, 2014.

RABINOW, Paul. **Reflections on Fieldwork in Morocco**. Berkeley, London: University of California Press, 1977.

WHYTE, William Foote. “Sobre a evolução de *Sociedade de esquina*”. In: WHYTE, William Foote. **Sociedade de esquina - Street corner society: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005, p. 283-363.